

PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO: CAMINHOS

1º AUTOR

CALDANA, Valter Luis; Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/USP; Docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM); São Paulo; Brasil; vcaldana@yahoo.com.

RESUMO

O objetivo deste artigo é contribuir para o aprofundamento dos debates e estudos sobre a pesquisa em arquitetura e urbanismo, particularmente a pesquisa em projeto, considerados o ensino, a própria pesquisa e a prática profissional. A partir da compreensão de que o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo é um espaço privilegiado para o exercício do binômio invenção/experimentação, considera-se que o fazer e a busca da materialização da Arquitetura é o fio condutor e o elemento de ligação entre três universos interdependentes - o ensino, a pesquisa e a prática - tríade pós-vitruviana cuja resultante define a inserção social da arquitetura e urbanismo como campo do conhecimento e instrumento de desenvolvimento humano. Fruto de pesquisa de doutoramento, o artigo se desenvolve a partir de um breve posicionamento sobre a pesquisa em arquitetura e urbanismo, segue por uma análise da situação do ensino no Brasil, suas diretrizes curriculares e estrutura administrativa didático-pedagógica para, mediante o resgate da importância da prática e da apropriação do fazer na formação do arquiteto e como instrumento de pesquisa, destacar a interligação existente entre os três elementos isolados: o ensino, a pesquisa e a prática profissional. Ao assumir a elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo como um processo e não um fato criativo pessoal isolado, discute-se a necessidade de que se explicitem pelo menos duas metodologias inerentes à pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo: uma voltada à pesquisa, produção e comunicação do conhecimento sobre o tema e que possibilitará a aproximação do pesquisador ao seu objeto de estudo, o processo de elaboração do projeto; e outra, que não se confunde com a primeira, que se constitui em um dos possíveis objetos da própria pesquisa e um de seus prováveis resultados. Trata-se, no segundo caso, de inserir a pesquisa sobre a existência, ou não, de uma metodologia básica para a elaboração do projeto, como um dos objetos privilegiados no contexto da pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo. Conclui-se que a indissolubilidade e a simultaneidade entre teoria e prática no trabalho do arquiteto é fundamental para

a própria prática, para o ensino e para a pesquisa sobre o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo; ensino de projeto; relação indissociável teoria e prática.

ABSTRACT

The aim of this article is to contribute to deepening the discussions and studies on architecture and urbanism research, particularly project research, considering teaching, the research itself and professional practice. Having in mind that the process of preparing an architecture and urbanism project is a privileged space for exercising the binomial invention / experiment, it is considered that the making and the pursuit of materializing the Architecture is the driver and connection between three interdependent worlds - teaching, research and practice - post-Vitruvian triad whose result defines the social integration of architecture and urbanism as a field of knowledge and a tool for human development. This article, fruit of a doctoral research, is developed from a position on the architecture and urbanism research, following with an analysis of the education situation in Brazil, its curricular directives and pedagogical-didactic administrative structure, through recovering the importance of practice and ownership of creation as a research tool and in the architect education, highlighting the interconnection between these three separate elements: teaching, research and professional practice. By assuming the development of architecture and urbanism projects as a process and not an isolated personal creative fact, we discuss the need in explicating at least two methodologies inherent to architecture and urbanism project research: one focused on research, production and communication of knowledge about the topic, which make it possible for the researcher to approach its object of study, and the process of developing the project; and the second, which shall not be confused with the former, that constitutes one of the possible objects of the research and its likely results. In the second case, this means to put the research on the existence or not of a basic methodology for preparing the project, as one of the privileged objects in the context of research in architecture and urbanism project. It is concluded that the indissolubility and simultaneity between theory and practice in the architect's work is fundamental to the practice itself, for teaching and research on the process of preparing the architecture and urbanism project.

Keywords: project research on architecture and urbanism; project teaching; practice and theory dissociated relationship.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es contribuir a la profundización de los debates y

estudios sobre la investigación en arquitectura y urbanismo, en particular la investigación de el proyecto, considerando la enseñanza, la práctica profesional y la investigación en sí. Desde el entendimiento de que el proceso de elaboración del proyecto de arquitectura y el urbanismo es un espacio privilegiado para el ejercicio de la binomial invención / experimentación, se considera que el hacerla y búsqueda de la materialización de la arquitectura es el hilo conductor y el enlace entre tres mundos interdependientes - la enseñanza, la investigación y la práctica - tríada después de Vitruvio, cuyo resultado define la integración social de la arquitectura y el urbanismo como un campo de conocimiento y herramienta de desarrollo humano. Fruto de la investigación doctoral, el artículo desarrolla a partir de una posición corta en la investigación en arquitectura y urbanismo, tras una revisión de la situación de la educación en Brasil, su curricular directrices y estructura administrativa didáctico-pedagógicos para, por la recuperación de la importancia de la práctica y la apropiación de hacer en la formación del arquitecto y como una herramienta de investigación, resaltar la interconexión entre los tres elementos distintos: la enseñanza, la investigación y la práctica profesional. Al tomar el desarrollo de los proyectos de arquitectura y urbanismo como un proceso y no un hecho personal creativo aislado, se analiza la necesidad de explicar al menos dos metodologías de investigación inherentes al investigación de la arquitectura y el urbanismo: una centrada en la investigación, producción y la comunicación de conocimientos sobre el tema y permitirá enfoque del investigador con el objeto descrito, el proceso de desarrollo del proyecto, y otro, que no debe confundirse con el anterior, que constituye uno de los posibles objetos de la investigación y uno de sus resultados probables. En el segundo caso involucra la inserción de la investigación sobre la existencia, o no, de una metodología básica para la elaboración del proyecto, ya que uno de los objetos privilegiados en el contexto de la investigación en el diseño arquitectónico y el urbanismo. Llegamos a la conclusión de que la indisolubilidad y la simultaneidad entre la teoría y la práctica en el trabajo del arquitecto es fundamental para la propia práctica, para la enseñanza y para la investigación sobre el proceso de elaboración del proyecto de arquitectura y urbanismo.

Palabras clave: investigación en arquitectura y diseño urbano, proyecto educativo, la teoría y la práctica con relación indisoluble.

PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO: CAMINHOS

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo contribuir para o aprofundamento dos debates e estudos sobre a pesquisa em arquitetura e urbanismo, particularmente a pesquisa em projeto, considerados o ensino, a própria pesquisa e a prática profissional¹.

A partir da compreensão de que o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo é um espaço privilegiado para o exercício do binômio invenção/experimentação, introduz-se aqui, de imediato, a ideia do fazer e da materialidade como elementos protagonistas desse processo. E se considera, portanto, que é nesse fazer e na busca da materialização da arquitetura proposta que se encontram o fio condutor e o elemento de ligação entre esses três universos interdependentes: o ensino, a pesquisa e a prática, verdadeira tríade pós-vitruviana cuja resultante define a inserção social da arquitetura e urbanismo como campo do conhecimento e instrumento de desenvolvimento humano.

A ciência do arquiteto é ornada por muitos conhecimentos e saberes variados, pelos critérios da qual são julgadas todas as obras das demais artes. Ela nasce da prática e da teoria. Prática é o exercício constante e freqüente da experimentação, realizada com as mãos a partir de materiais de qualquer gênero, necessária à consecução de um plano. Teoria, por outro lado, é o que permite explicar e demonstrar, por meio de relação entre as partes, as coisas realizadas pelo engenho (VITRUVIUS, 1999, p. 49).

Importante remarcar, então, que se resgata nesta apresentação a importância desse fazer arquitetônico diante das práticas reflexivas consagradas e hegemônicas na pesquisa e no ensino de arquitetura e urbanismo das últimas décadas, porém diferenciando-o qualitativa e quantitativamente, para melhor analisá-lo, do pragmatismo imposto pelas condicionantes do mercado de trabalho.

¹ Este artigo é um desdobramento da tese de doutoramento do autor apresentada à FAUUSP em 2005. Uma versão deste trabalho foi apresentada no V Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie.

Por isso se impõe de início que seja verificado e explicitado o atual ponto de equilíbrio, ou desequilíbrio, entre o fazer e o pensar na prática, no ensino e na pesquisa sobre o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo. Fazer e pensar não como elementos antagônicos, mas sim, destacando a importância da simultaneidade e da complementaridade entre o pensar fazendo e o fazer pensando, como elementos estruturadores e geradores de possíveis metodologias para o seu exercício nas três esferas. Cabe ressaltar que, como se verá adiante, é na artificialidade do antagonismo entre o pensar e o fazer e na também artificial imposição de uma relação cronológica de antecedência e consequência entre ambos que se baseia boa parte da perplexidade com que é tratado o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo, seu ensino e a pesquisa sobre ele, na atualidade.

Para tanto, este artigo se desenvolve a partir de um breve posicionamento sobre a pesquisa em arquitetura e urbanismo, segue por uma análise da situação do ensino no Brasil, suas diretrizes curriculares e estrutura administrativa didático-pedagógica para, mediante o resgate da importância da prática e da apropriação do fazer na formação do arquiteto e como instrumento de pesquisa, destacar a interligação existente entre os três elementos isolados: o ensino, a pesquisa e a prática profissional.

Nesse sentido se coloca também a necessidade de uma reflexão sobre a hipertrofia do gesto e a supervalorização do partido arquitetônico no universo pseudometodológico que envolve a elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo em suas várias escalas e qual seu verdadeiro papel nos processos de ensino-aprendizagem diante do atual quadro quantitativo e qualitativo dos cursos e dos novos instrumentos disponíveis para a prática profissional.

A ideia da indissolubilidade e simultaneidade entre teoria e prática no trabalho do arquiteto, que aqui se utiliza, é considerada exemplar e fundamental para a própria prática, o ensino e a pesquisa sobre o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo.

Interessa aqui, portanto, a forte ligação existente entre o pensar e o fazer na construção da arquitetura e essa, a arquitetura, como resposta à superação das necessidades colocadas pelo outro, seja ele individual ou coletivo, público ou privado.

1. A PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO

O debate sobre a pesquisa em arquitetura e urbanismo tem sido intenso. Por toda parte se buscam definições para o que seja esta pesquisa e quais seriam seu objeto, procedimentos metodológicos e produto, sobretudo quando o foco das atenções se volta para o ato de projetar arquitetura e urbanismo². É preciso escrever, basta desenhar? A práxis é a teoria em si mesma, necessária e suficiente para a sistematização, a produção e a comunicação do conhecimento? Basta fazer arquitetura para que a arquitetura se renove, se retroalimente?

Nesse debate se colocam, em síntese, duas posições distintas: de um lado aqueles que entendem a pesquisa em nível de pós-graduação válida quando possui rigor científico e atende a determinado padrão, formato e metodologia preestabelecidos e comuns a outras áreas do conhecimento; e, de outro, aqueles que entendem ser o projeto de arquitetura, que contém e é fruto de pesquisa e posicionamento crítico em sua elaboração, a própria pesquisa.

Poderiam, como definido em nossa pesquisa, para efeito de construção do raciocínio, ser chamados de puristas e pragmáticos, remetendo-se a um outro e mais antigo debate entre o que seja a pesquisa pura e a pesquisa aplicada, ainda vivo mesmo entre as grandes áreas do conhecimento - ciências humanas, exatas e biológicas.

Se, por um lado, os primeiros se submetem a uma visão estanque e estereotipada do que seja a pesquisa científica contemporânea, se submetendo à organizações, formatos e metodologias clássicas que nem sempre se mostram suficientes para explicar a complexidade da construção da arquitetura no mundo contemporâneo, flexível, multi e interdisciplinar; por outro, o que se encontra é uma indevida sobreposição entre processo e produto e entre teoria e prática numa deliberada “metodoclastia” que se mostra unilateral e pouco adequada às necessárias características de verificabilidade, reprodutibilidade e comunicabilidade da explicação do fenômeno estudado, que justificam por princípio todo o esforço da pesquisa científica.

Como se sabe, a pesquisa científica para que seja entendida como tal deve ser instrumento de compreensão e explicação de fenômenos naturais, físicos, químicos, e também de

² Diversos autores têm se debruçado sobre o entendimento da pesquisa em projeto. Ver Corona Martinez (2000); Veloso e Elali (2003; 2004).

processos econômicos, sociológicos ou culturais tornando-se, assim, produtora de conhecimento. Deve ser, para tanto, necessariamente verificável, reprodutível e comunicável como forma de poder ser comprovada e ter seus resultados socializados. Desse modo é inadiável a compreensão de que, nesse momento, o fenômeno a ser estudado não se restringe ao produto do trabalho do arquiteto, sua história ou as teorias a ele agregadas, temas para os quais as estruturas clássicas de pesquisa e suas metodologias normativas, ainda que também lá questionadas como se vê em Feyerabend (1977) dão conta com galhardia.

É chegada a hora de reconhecer que diante da perplexidade com que vêm sendo tratados a organização, a prática, o ensino e a pesquisa no campo da arquitetura e urbanismo, se faz necessário que o objeto de pesquisa, o “fenômeno” a ser estudado, deixe de ser o produto do trabalho do arquiteto e passe a ser o seu processo de elaboração.

Transformar o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo em objeto de pesquisa colocando-o como protagonista desse esforço coletivo significa a possibilidade de demonstrar o amadurecimento da área e sua afirmação, no contexto das chamadas ciências sociais aplicadas, enquanto campo do conhecimento.

Demonstrar esse amadurecimento, por sua vez, significa a possibilidade de organizar o próprio conhecimento acumulado na área, que não é pouco mesmo diante da juventude dos programas de pós-graduação no Brasil³, e libertá-la dos efeitos indesejáveis do mimetismo formal e metodológico a que frequentemente se vê obrigada e que tanta polêmica e, por vezes, frustração tem causado no universo acadêmico.

E, antes que se faça uma leitura amesquinhada ou incompleta do que se apresenta, trata-se aqui de valorizar esse conhecimento acumulado, seja em teoria, história ou planejamento urbano e regional, aproximando-o definitivamente do cerne articulador da questão ao explicitar sua condição de elemento necessário para essa afirmação do campo do conhecimento, entendido a partir da definição geral de Bourdieu⁴.

³ Os estudos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil tiveram seu início na década de 1970, vinte anos após a criação dos cursos de pós-graduação em outras áreas. Na FAUUSP o curso de mestrado foi criado em 1972 - um dos pioneiros na América Latina - e o curso de doutorado, em 1980, permanecendo como único doutorado no país até 1998.

⁴ Entende-se por campo do conhecimento o conjunto da produção humana acumulada e atemporal relativa a uma determinada área ou domínio do pensar ou do fazer, aí incluídas suas técnicas. Sobre o tema, ver Ortiz (1983).

Significa ainda a possibilidade de, dissipando a névoa existente na discussão do tema provocada pela citada sobreposição entre processo e produto, reintroduzir as relações existentes entre ensino, pesquisa e prática na pauta de preocupações de ambas as corporações, academia e profissão, num universo que inclui estudantes, professores e profissionais. Nas palavras de Nestor Goulart Reis (1999, p. 3),

[...] o ideal é ligar a prática à realidade do país. Nós não podemos fazer pesquisa sobre um mundo que não é o nosso. O arquiteto não pode fazer pesquisa sobre uma área profissional que não é a sua. Isto não significa dizer que a “prática de projeto” é pesquisa. Mas nós temos que orientar nossa pesquisa para a compreensão do “processo de projetar”, de como ele se dá hoje. Se o processo de projetar está lá fora e a pesquisa está aqui dentro, e a pós-graduação também, nós veremos essa coisa constrangedora de que os alunos da graduação desenvolvem projetos de pesquisa dentro da faculdade e os da pós-graduação, não.

2. A PESQUISA EM PROJETO E OS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

São essas as razões que levam à necessidade de uma compreensão específica da função estratégica dos programas de pós-graduação *stricto sensu* na formação do arquiteto e sobretudo na produção de conhecimento em arquitetura e urbanismo. Trata-se de explicitar um posicionamento diante do que sejam seus objetivos, estratégias e objetos de pesquisa em busca de apresentar propostas para o enfrentamento das dificuldades de desenvolvimento, reconhecimento e disseminação que a área enfrenta.

Desse modo, admitindo-se como funções da universidade a formação profissional, a vida intelectual, a busca do saber, a produção do conhecimento e a transmissão da cultura, considera-se aqui objetivo geral da pós-graduação a formação de pessoal de nível superior por meio da implantação e desenvolvimento de uma base de pesquisa em ciência e tecnologia, da capacitação docente e da disseminação do conhecimento produzido. Como define Anísio Teixeira (1998, p. 32):

A universidade será assim um centro de saber, destinado a aumentar o conhecimento humano, um noviciado de cultura capaz de alargar a mente e amadurecer a imaginação dos jovens para a aventura do conhecimento, uma escola de formação de profissionais e o instrumento mais amplo e mais profundo de elaboração e transmissão da cultura comum brasileira.

Ou seja, é preciso ter em mente que os programas de pós-graduação *stricto sensu* respondem socialmente por uma função estratégica que se materializa mediante um objetivo que se organiza em duas ações biunívocas: produzir e difundir conhecimento e formar arquitetos que vão formar arquitetos.

Retornando à colocação inicial, é na análise das aparentes contradições entre o que aqui se convencionou chamar de puristas e pragmáticos que se pode buscar as explicações para as indefinições do que sejam os objetivos e o objeto da pesquisa em arquitetura e urbanismo, particularmente em projeto, e sua superação.

Inicialmente se deve considerar que essa dicotomia é o reflexo de algumas das características mais marcantes da arquitetura: a intensa convivência entre campo do conhecimento e prática profissional e a tênue barreira existente entre atuação profissional e atividade de pesquisa.

Pode-se dizer, então, que tal dicotomia está baseada numa falsa premissa, pois afinal, seria impossível a evolução de uma matéria ou mesmo de uma disciplina sem a devida reflexão sobre si mesma. Vale lembrar que o desaparecimento de profissões não se deve exclusivamente às transformações tecnológicas ou ao desaparecimento de sua necessidade (LARA, 2004). Muitas desapareceram exatamente por não terem sido capazes de se adaptar, se atualizar e refletir sobre si mesmas e, tampouco, de formar os quadros necessários para a realização dessas tarefas. Desse modo, corre-se o risco de se deixar levar pela liturgia do sistema, numa organização de aparências, que de fato não passaria de um processo de reprodução de conhecimento hermética e improdutiva.

O desafio que se coloca está então, certamente, em como conciliar a pesquisa sobre o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo em qualquer escala a uma base epistemológica de pesquisa e geração de conhecimento, ao ensino e à prática profissional, movimento necessário para a evolução da arquitetura e de sua apropriação pela sociedade.

Se é verdade que nem tudo que é feito a partir do conhecimento gera conhecimento, tornando difícil para os puristas crer na equivalência entre a pesquisa científica e a pesquisa realizada na elaboração do projeto, é necessário observar que o ato projetual, por suas características metodológicas, contém e

pode produzir conhecimento. Por outro lado, é preciso que os pragmáticos aceitem que este mesmo ato projetual é um processo e como tal pode ser dissecado, estudado e sistematizado, desvendado enfim, sem que isto signifique a perda da personalidade da concepção ou de seu controle pela corporação, pois a criação de uma base de conhecimento crítica e sólida sobre este processo certamente possibilitará a obtenção de melhores projetos. (CALDANA, 2006)

Questiona-se aí de forma direta, como se verá adiante, a aceitação do gesto, criativo e inexplicável, como elemento basilar e detonador do processo de elaboração do projeto do qual se origina o partido, imagem idealizada da proposta arquitetural.

Incorporar o projeto aos estudos doutorais implica então contrapor o ato criativo individual do projetista ao ato sistematizado e generalista do pesquisador, na esperança de que eles se reforcem mutuamente. (LARA, 2004)

Para a superação dessa aparente dicotomia entre purismo e pragmatismo sugere-se, então, sua reorganização em três conjuntos de ações de pesquisa distintos e complementares entre si no que diz respeito ao processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo: o conjunto de ações de pesquisa sobre o projeto, no projeto e em projeto de arquitetura e urbanismo.

Para o primeiro conjunto, aquele das ações de pesquisa sobre o projeto de arquitetura e urbanismo, as definições de seus objetivos e objeto se tornam cada dia mais claras, sendo seus objetivos o conhecimento intrínseco da matéria e seu objeto o próprio projeto materializado, edificado ou não. A esmagadora maioria dos programas de pós-graduação no Brasil apresenta linhas de pesquisa nessa área.

Também no segundo conjunto, o de ações de pesquisa no projeto de arquitetura e urbanismo, não se encontra grande indefinição quanto a seus objetivos e objeto. Trata-se da ação de pesquisa mais presente no universo da prática profissional. É sabido por qualquer arquiteto que não é possível fazer um projeto de arquitetura e urbanismo em qualquer escala sem que se faça uma correspondente pesquisa sobre o que se está a projetar, seja qual for o método utilizado. Fala-se aqui, portanto, da pesquisa realizada para a elaboração de um projeto específico.

É, então, a partir do terceiro conjunto, o de ações de pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo, que se coloca essa proposta de superação de dicotomias e realinhamento dessa ação ao conjunto solidário e interdependente formado pela própria pesquisa, o ensino e a prática profissional.

Pesquisa em projeto de arquitetura é aqui entendida como sendo a pesquisa sobre o fazer projeto, sobre o ato de projetar, enfim, sobre o fazer projeto para fazer arquitetura, para construir arquitetura. Não se confunde com a pesquisa sobre o projeto nem tampouco com aquela que se faz no projeto, para a elaboração desse⁵.

É uma pesquisa que visa responder, entre outras, à pergunta daquele jovem estudante (o mesmo que na aula passada perguntara “Professor, o senhor trabalha ou só dá aula?”): “Professor, o que eu faço e como eu faço para fazer o projeto?”.

3. PESQUISA EM PROJETO: OBJETIVOS E OBJETO

Serão objetivos da pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo, portanto, organizar, sistematizar e produzir conhecimento sobre o fazer projeto, sobre seus processos de elaboração, e formar quadros capacitados a difundi-lo, criticá-lo e retroalimentar o sistema. Será, então, uma pesquisa que tem por objetivo estudar e conhecer os mecanismos inerentes a uma ação e não à morfologia de um objeto. Deverá desvendar um processo e não dissecar seu resultado.

Ou, de outra forma, mesmo ao dissecar um objeto o fará com a curiosidade de conhecer a ação, o processo que o originou e não com a vontade de explicar suas inúmeras características inerentes, sejam essas históricas, morfológicas ou funcionais, entre tantas outras.

Trata-se, então, de uma pesquisa que traz a possibilidade de sua utilização, e da utilização de seus resultados, na formação de pessoal, no ensino de graduação, na educação da sociedade e na prática profissional. Uma pesquisa que resgata o preceito constitucional

⁵ Note-se que utilização da preposição “no” projeto em vez de “para” o projeto no segundo conjunto de ações de pesquisa, mais genérica e que seria mais usual no vernáculo, se deu exatamente no sentido de reforçar a ideia de ação interna, dentro do próprio processo de elaboração do projeto. A utilização da expressão “para o projeto” poderia ainda dar margem ao entendimento de uma pesquisa realizada para fazer o projeto, ou seja, uma pesquisa focada no processo, que aqui designamos, pelos mesmos motivos, de pesquisa “em” projeto.

que define a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na universidade ou, numa escala ampliada, no sentido de sua participação na elaboração de um projeto de nação. Consta na Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 207, que as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988). Vale lembrar que faz parte dos critérios oficiais de avaliação de cursos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil apresentar objetivos de inserção local, regional ou nacional coerentes com a estrutura acadêmica do programa.

Admitidos esses como sendo, em síntese, os objetivos da pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo, resta definir, para colocar em debate, qual seu objeto de estudo, suas metodologias e seus instrumentais de ação e de comunicação.

A distinção entre objetivos e objeto de pesquisa é tarefa complexa e delicada em todos os campos e áreas do conhecimento, geradora de contradições conceituais e mesmo confusões práticas. O assunto tem sido objeto de pesquisa (e não seu objetivo) na área de metodologia, sobretudo a normativa, há quase dois séculos. É natural, portanto, que o mesmo se dê no campo da arquitetura e urbanismo.

A bela e rica língua portuguesa, a mais jovem flor do Lácio como bem disse o poeta, nesse caso nos prega uma de suas incontáveis peças. É preciso estar atento aos significados dos vocábulos objetivo e objeto e, também, projeto, projetar, ação, construção, processo, resultado, ato e objeto, ente outros. Trata-se de vocabulário recorrente na área e que a cada instante pode ser empregado com significados distintos, exprimindo conceitos distantes entre si.

No caso objeto deste trabalho, a confusão e sobreposição de significados que se dá no emprego da palavra objeto como o produto de uma ação ou resultado de um processo e a palavra objeto como delimitadora daquilo que o pesquisador vai se servir para, ao estudá-lo, atingir seus objetivos (o objeto da pesquisa) é exemplar no contexto da pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo: admitidos os objetivos expressos anteriormente, o que se tem como objeto (de pesquisa) é o processo e não o objeto (resultado do processo estudado).

Ou, de outra forma, mais objetiva: dados aqueles objetivos, a pesquisa em arquitetura e urbanismo é uma ação de pesquisa que tem por objeto de pesquisa uma ação, um processo, e não um produto, um artefato, um resultado, um objeto.

Essa característica marota da língua portuguesa (fruto de sua juventude?), associada a uma tradicional informalidade da área no trato de seu vocabulário específico, que teve origens ideológicas louváveis, mas leva a uma perversa imprecisão de conteúdo, explica parte das indefinições e contradições aqui estudadas.

O que se propõe aqui, então, é a definição de que o objeto a ser estudado no âmbito da pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo seja o processo de elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo em qualquer escala.

Vale destacar que ao se definir o objeto de estudo como sendo uma ação, o processo de elaboração do projeto, é preciso grande atenção para o sentido de movimento a ele inerente. Esse sentido de movimento, que implica mutabilidade e dinamismo, associado à imprecisão conceitual já alertada, é gerador de grandes contradições que são também responsáveis pela perplexidade e o paradoxal imobilismo com que muitas vezes essa questão vem sendo tratada.

A discussão até hoje existente sobre a viabilidade, ou não, de se ensinar a projetar nos cursos de arquitetura e urbanismo é prova disso. Estivesse a pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo madura como se deseja, e se necessita, essa questão há muito tempo teria sido superada em favor de outras bastante mais pertinentes e necessárias diante do nível de complexidade em que se insere construção da arquitetura e sua apropriação pela sociedade. Poder-se-ia estar discutindo com maior profundidade, como mero exemplo, a influência das novas ferramentas de formulação, representação da realidade e comunicação oriundas da área de tecnologia da informação e a consequente formação de redes, multidisciplinares e internacionais, no processo de elaboração do projeto.

É preciso que fique claro, neste ponto, que as características de movimento, dinamismo e mutabilidade que se verificam são inerentes ao objeto de estudo, a ação, o processo, e não aos objetivos da pesquisa, o que vem sendo fortemente confundido nos debates acadêmicos sobre a questão. Os objetivos de qualquer pesquisa científica devem ser obrigatoriamente estáveis, de longo prazo, para que se possa construir uma base epistemológica e um universo amostral amplo e consistente, e utilizá-los como referencial fixo e paradigmático.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disseminação da definição, ao longo do século passado, de que existem muitas, infinitas possibilidades de abordar e realizar o ato de projetar arquitetura e urbanismo teve grande importância histórica. Significou um instrumento de consolidação de um momento de ruptura, o surgimento da arquitetura moderna, sobretudo quando entendida no contexto de antítese ao classicismo (ZEVI, 1997).

Inúmeros autores de grande importância trataram desse assunto, que insiste em ecoar ao final desta primeira década do século XXI. Apenas como exemplos emblemáticos: não existe, portanto, um “método” generalizado para a explicitação dos conceitos arquitetônicos (no projeto); existem várias metodologias, cada uma marcada pela personalidade do arquiteto (GASPERINI, 1988); “[...] não há apenas um único processo projetual, apenas uma única maneira de se levar a cabo esse processo” (CORONA MARTINEZ, 2000).

Interessa aqui destacar, para a construção da reflexão, o corolário dessa definição. Da definição de que a elaboração do projeto é um ato, uma espécie de grito parado no ar pessoal e intransferível que se materializa num gesto criador, resulta a compreensão de ser esse mesmo gesto, e o processo que o contém, impossível de ser sistematizado e ensinado e, logo, pesquisado. Daí se obtém que a elaboração do projeto, o ato de projetar, é passível apenas de ser treinado, por repetição, acerto e erro, de acordo com as habilidades do aprendiz e à luz e sob as graças de um mestre indicado pela corporação.

Diante dos objetivos e do objeto aqui propostos para discussão, o que se coloca é que essa definição e seus corolários são claramente insuficientes no contexto da apropriação da arquitetura e urbanismo pela sociedade contemporânea. Hoje se vivencia mais um momento de ruptura na evolução da arquitetura, quando condições necessárias se tornam insuficientes ou até mesmo desnecessárias. Nessa ruptura, para entender o ato não se busca o fato nem se limita ao gesto: mergulha-se no desejo e se dá vazão à necessidade de conhecimento do processo que os construiu.

A produção desse conhecimento coloca a necessidade de novas respostas, o que exige novas perguntas. Coloca a necessidade de novas abordagens, o que demanda novos

protocolos e a incorporação de novos instrumentos. Coloca, enfim, a necessidade de uma reorganização nos paradigmas de apropriação e comunicação deste conhecimento.

Do empirismo da secular relação mestre-aprendiz à crença exagerada na pessoalidade do gesto criativo e na plenipotencialidade do partido arquitetônico, condições ainda necessárias, porém claramente insuficientes, o que se tem é a indisfarçável necessidade de que se reorganizem novos instrumentos e se sistematizem novos procedimentos. Ou seja, que se explicitem e se debatam metodologias de ação para a produção deste conhecimento e para a própria elaboração do projeto de arquitetura.

Aqui, mais uma vez é preciso atenção, pois conteúdo e continente se confundem. Verificada a possibilidade de rompimento com a definição mais aceita de que fazer projeto é um ato de criação pessoal que não demanda explicação, existe hoje a necessidade de que se explicitem e se sistematizem não uma, mas duas metodologias inerentes à pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo.

Uma voltada à pesquisa, produção e comunicação do conhecimento sobre o tema e que possibilitará a aproximação do pesquisador ao seu objeto de estudo, o processo de elaboração do projeto; e outra, que não se confunde com a primeira, que se constitui em um dos possíveis objetos da própria pesquisa e um de seus prováveis resultados. Trata-se, no segundo caso, de inserir a pesquisa sobre a existência, ou não, de uma metodologia básica para a elaboração do projeto, como um dos objetos privilegiados no contexto da pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo.

Essas metodologias, ou no mínimo um conjunto de procedimentos metodológicos sistematizados em protocolo de ação, serão determinantes para a superação do desafio colocado e que vem sendo o objeto de reflexão deste trabalho: pesquisa e produção de conhecimento com rigor científico em arquitetura e urbanismo.

Ao assumir a elaboração do projeto de arquitetura e urbanismo como um processo e não um fato, o que se tem, então, é que ele é passível de ser disciplinado

para ser praticado, ensinado, aprendido, verificado, comunicado, partilhado e pesquisado, onde a criatividade, a intuição e o gesto certamente se encontrarão incluídos e se manifestarão, em vários momentos e de diferentes formas, mas não na condição de únicos protagonistas. [...] Assim, rompendo as barreiras impostas pelos fatores subjetivos e pela pessoalidade do gesto, verifica-se a possibilidade de

se encontrar uma língua, e, a partir dela, recolocar as questões de linguagem no patamar de discussão cultural de onde não deve sair (CALDANA, 2006).

Uma linguagem que se pode pesquisar, estudar, verificar, conhecer, difundir e construir. E que se serve não apenas da palavra, mas, sobretudo do desenho para se realizar e se comunicar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988 e atualizada até a Emenda Constitucional n. 48, de 10 de agosto de 2005. Brasília: Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br>>. Acesso em: 2 fev. 2004.

CALDANA, Valter. **Projeto de Arquitetura: Caminhos**. São Paulo: FAUUSP, 2005. Tese de Doutorado. Mimeo. Biblioteca FAUSP.

CORONA MARTINEZ, A. **Ensaio sobre o projeto**. Brasília: Editora UnB, 2000.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

GASPERINI, G. C. **Contexto e tecnologia**. 1988. Tese (Livre-Docência em Arquitetura e Urbanismo)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.

GUEDES, J. M. Ajuste conceitual da formação do arquiteto. **Sinopses**, n. 19, jun. 1993, p. 15.

LARA, F.; MARQUES, S. O projeto do projeto. **Vitruvius/Arquitextos**, São Paulo, n. 45, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. acesso em 11/03/2013

ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais n. 39).

REIS, Nestor G. Entrevista. **Revista ADUSP**. São Paulo, ADUSP, 1999. nº 17 junho de 1999, p. 70.

TEIXEIRA, A. **Educação e Universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

VELOSO, M.; ELALI, G. A. Por uma formação mais qualificada do professor de projeto de arquitetura no Brasil. **Anais... PROJETA** 2003. I Seminário Nacional sobre ensino e pesquisa em projeto de arquitetura. Natal, out. 2003. 1 CD-Rom.

_____. Qualificar é preciso... Uma reflexão sobre a formação do professor de projeto arquitetônico. **Arquitextos**, São Paulo, v. 45.01, p. 1/135.03-15, fev. 2004.

VITRUVIO, M. P. **Da Arquitetura**. Tradução de Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo: Hucitec/Fupam, 1999.

ZEVI, B. **Leggere, scrivere, parlare architettura**. Veneza: Marsilio, 1997.